

HEROES · SANTOS · E · MARTIRES · DA · PATRIA

Santo Antonio de Lisboa

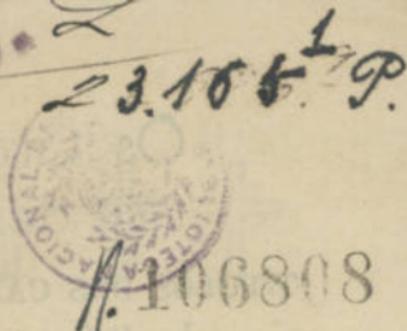


Laura

ROCHA MARTINS · 2.ª SERIE · COLEÇÃO HISTÓRICA

ROCHA MARTINS · COLEÇÃO HISTÓRICA · 2018

ROCHA MARTINS
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS



HERÓIS, SANTOS E MÁRTIRES
————— DA PÁTRIA —————

SANTO ANTÓNIO
DE LISBOA

CAPA ILUSTRADA POR
D. LAURA NOGUEIRA

—————
VOL. I—2.^a SÉRIE
—————

COLECÇÃO «HISTÓRIA»
— RUA DO ALECRIM, 61 —
————— LISBOA —————
EDIÇÃO DO AUTOR

3108
ROCHA
OS Grandes Amores
— de Portugal —

TÍTULOS DOS CAPITULOS:

- I — O Sangue de Inês de Castro.
- II — A Neta da Rainha Santa.
- III — A Madrasta de D. João III.
- IV — As Paixões do Venturoso.
- V — O Drama de Santa Engracia.
- VI — D. Guiomar de Marialva.
- VII — A Freirã de D. João VI.
- VIII — D. Maria de Penha.
- IX — O Desterrado.
- X — As Cómicas de El-Rei.
- XI — A Távora.
- XII — A Amada do Regente.

Heróis, Santos e Mártires
— da Pátria —

TÍTULOS DOS CAPITULOS:

- I — Santo Antóniô de Lisboa.
- II — D. Francisco de Almeida.
- III — Os Jesuitas martirizados.
- IV — 1640.
- V — Cadafalso do Duque de Caminha.
- VI — O Suplicio de D. Duarte de Bragança.
- VII — Matias de Albuquerque.
- VIII — O Conde de Vila Flôr.
- IX — D. Manuel de Portugal.
- X — Os Fuzilados de Campo de Ourique.
- XI — O Marechal Saldanha.
- XII — Duque da Terceira.

Comp. e impr. na
Rua do Alecrim, 61
— LISBOA



PRIMEIRO QUADRO

O DESPERTAR DUMA ALMA

TODAS as manhãs, Fernando de Bulhões, com o seu rostozinho afogueado pelo prazer mal contido, deixava a casa dos pais, nas Portas do Mar, junto às Pedreiras da Sé, e ia para os vetustos claustros do templo receber os afagos dos senhores cônegos, ouvindo suas perguntas às quais respondia com tal graça e talento que encantava suas reverências.

Era um pequenito, por vezes traquinas, outras meditativo, muito dado a scismar, ficando, nestes momentos, a olhar as águas do Tejo, onde se reflectiam as grandes velas fenícias dos barcos. Mais doces e demoradas contemplações êle guardava para a fachada, já amarelecida, da cathedral.

A mãe, D. Teresa Maria Taveira, admirava-se do propósito do filho em certos dias; queria-o mais loução e, ao senti-lo nos brinquedos, folgava tanto como êle; o pai, Martim de Bulhões, que servia alto cargo na Casa do Senhor Rei D. Sancho I, desejava-o numa de-

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

senvoltura de cavaleiro, amando as armas e os corséis; porém, à criança não sorriam já as correrias pelos barrocaes, o trepar as escarpas da mina de pedra, antes seu ânimo se deleitava no contacto das coisas religiosas.

Não iam muito de agrado as relações da Corôa com o bispo do Porto, Martinho Rodrigues. O cabido da sua Sé vivia sob a regra de Santo Agostinho, o mais douto dos prègadores, e êle ratinhava-lhe os réditos, queria-o na miséria, tornando-o impotente para socorrer os mendigos do burgo.

Os agostinianos de S. Vicente de Fóra da Cidade lamentavam as teimas do prelado e iam contar aos seus pares da Sé os ecos das discórdias. O Rei interviera a seu favor mas de tão rude modo que os freis já não concordavam com o golpe o qual puzera o antiste a monte, sumindo-se na fronteira para fazer suas queixas ao Pontifice.

Em largos gestos, agitando as mangas dos hábitos, protestavam, e o pequenino Fernando escutava-os, de pupilas scintilantes, muito trémulo, apeteendo a mais doce, a mais santa, a mais calma paz naquela casa divina.

Santo Agostinho, o patrono dos Senhores frades, aparecia-lhe como um modelo de virtudes, exemplo de alta fé a seguir desde a hora em que Gregório, o Grande, o mandara evangelizar a Grã-Bretanha selvática, até que cimentou a sua cadeira archiepiscopal em Cantorbéry. O paganismo reinava ainda nesse país cercado de águas, falho de luz, de triste clima, na agitação da vida corsária dos seus habitantes. Já Cristo morrera pelos homens, haveria seiscentos anos, e ainda os povos praticavam a idolatria. Eram gigantes ruivos, estranhos, de

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

olhos glaucos, barbados e feros, respeitando apenas a fôrça e caindo sôbre as presas com o ardor de bárbaros ávidos de carnagem.

O apóstolo, deixando Roma, passara à perigosa região desses guerreiros fulvos e sem alma, sedentos de prazeres, mergulhados em neblira e em sangueira.

O pequenino Fernando, o lisboetazinho, nado à sombra da velha Sé, relembra os homens rudes e gritadores que passavam, das bandas das Portas do Mar, altos, fortes, gesticulando, aos quais conhecia por descendentes dos convertidos pelo divino arcebispo.

Então, a sua alminha, cândida e puríssima, alva e infantil, parecia revestir-se duma maior luz e o seu coraçãozinho, batendo apressadamente, acordava a aconselhá-lo mostrando-lhe como seria bom levar à casa de Deus, com palavras de fé, de justiça, sem mêdo, tão ferozes e bárbaros marujos e soldados. Quedava-se a seguí-los com a vista, cambaleantes e gingões, subindo do rio para as encostas do castelo. Santo Agostinho tornara-se a visita mais jubilosa para o seu espirito, o vulto bemquerido da sua paixão infantil, e, de noite, aparecia-lhe, não com a mitra resplendente de pedrarias, o báculo e as vestes hieráticas, antes pobrezinho, de túnica rota, os pés em sangue, de rôsto sereno, entre as barbas mal tratadas, missionando na terra pagã a converter o pior dos idólatras, o próprio rei Etelberto. O que êle daria para ser como o adorado arcebispo de Cantorbéry!

Ao pensá-lo, afogueava-se-lhe a face; envergonhava-se de tanta ambição, e, esquecendo os companheiros, desprezando a praia tentadora de todas as infâncias, com a areia se-

SANTO ANTONIO DE LISBOA

meada de surpresas, passava da sua moradia para a Sé, a chegar-se aos altares, parecendo querer penetrar com suas pupilas, muito negras, toda a vastidão dos conhecimentos precisos para envergar um hábito podendo dar-se às práticas do seu modelo, o douto, o divino, o sublime prelado. Caía de bruços nas pedras do templo; via-se, em consciência, grande pecador, a-pesar da sua pequenez e idade, por querer assemelhar-se a tão admirável virtude.

Ensinavam-lhe latim, doutrina, música; mas o que êle conhecia bem eram as pedras da igreja, a fábrica adusta, a mesquita moira, com bárbaras cantarias afeiçoadas à basilica como a sua alma ignorante se prendia no consôlo da fé. Corria por todo o âmbito sagrado; seus passos ressoavam no claustro e sua voz ia ecoando pelos recantos como a despertar sombras que só êle via. Ficava-se a contemplar os corvos negro-azulados, de bicos rijos, saltitando, graves às vezes como juizes no luto severo das vestes, e falava-lhes, perguntando, talvez, aos cem anos que eles viviam, à experiência da idade, pelas virtudes do terno S. Vicente, martirizado, sepulto junto às ondas alterosas do Promontório Sacro. Quando o trasladaram na caravela para sua jazida de Lisboa, os corvos acompanharam-no, sendo seus guardas e seus romeiros.

Eles o tinham trazido; eles deviam saber. E Fernando, no claustro da Sé, investigava das aves a vida do glorioso sacrificado.

Quási não ia a casa; estudava e lia; nas horas vagas dos estudos ensaiava-se nos cânticos religiosos como menino do côro e, desejoso de sentir-se em graça, muito se ligava aos agostinianos que visitavam a Sé.

Contava quinze anos quando entreviu claramente o seu destino. Não o chamavam as galas de cavaleiro, os galanteios e a larga vida e, no entanto, amava-a, mas à sua maneira, adorando as aves, os peixes, as flôres, as árvores, os arbustos, até os insectos e as pedras porque eram obra de Deus, como as núvens altas que se comprazia em olhar do tôpo das tôrres do templo perscrutando-lhes os movimentos. Levavam oiro ou sangue mas era sempre a vontade divina que as impelia, tanto como o vento enfunava as velas das galeras que iam descendo o rio a caminho dos países distantes.

As terras dos infiéis!

Acudiam-lhe à mente as histórias dos dominadores das almas, dos apóstolos desbravantes das selvas da descrença, tão enleadas como as sarças, e nascia-lhe uma ambição enorme: a de os imitar. Porém, carecia de saber conduzi-las, e não passava dum ignorante. Como prègar aos povos incultos ou aos pervertidos as coisas dignas e santas, se êle próprio não passava dum criança sem qualidades a recomendarem-no aos sábios?!

Bem sentia que os senhores cónegos o interrogavam e sorriam; enchia-se de coragem quando assim os surpreendia, mas logo se culpava pelo pecado do orgulho, da soberba e, num levante contra si próprio, desejava supliciar-se com as cordas dos cilícios, a-fim-de abater tanto pecado. Agora, além do orgulho, tomava-o a ira. Não havia dúvida: era indigno da existência apetecida. Sòmente não se poderia impedir dos sentimentos que o agitavam, impelindo-o para a reflexão sôbre todas as coisas que seus olhos viam desde os grãos das areias até aos mundos rolando nos espaços.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Estas pequenas e grandes manifestações da vida atormentavam-no; queria saber e enchia-se duma ânsia suprema de tudo desvendar como certos doutores de que ouvira falar, os quais, torcendo o caminho direito da fé, iam pelo atalho da curiosidade máxima procurar as luzes do demónio.

Entrava uma grande tortura no espírito dessa puberdade intranquã.

Mais do que nunca, o jóvem, afeito a tais pensamentos, entrava em meditações largas. Grande poder era o de quem dava aos animais mais pequeninos a intelligência para sentirem a vida e lutarem por ela; do autor de todas as maravilhas, do espírito que insuflava os mais vastos espíritos enchendo o mundo da luz do sol, iluminando-o de astros e, ao mesmo tempo, ensinara às abelhas a fazer o mel e às formigas a carregarem seus mantimentos. Tudo à sua volta lhe falava de Deus: desde os sêrros, poleiros das águias, até às águas, que des-sedentavam os homens, os animais e as plantas.

Os seres que procuravam a má fórmula de tirarem proveitos da obra do Senhor apareciam-lhe como almas a conquistar e, embevecido, no seu culto, Fernando deixara-se ficar no campanário da Sé sonhando com as grandezas da divindade à qual decidira dedicar-se, como uma formiguinha humilde, acarretando parcas migalhas para a sua Igreja. Uma sombra maior surgiu: era a noite. Já tinham soado as Avè-Marias quando êle subira para a tórre; tinha que descer, dirigir-se a casa, dizer aos pais a sua resolução, e via-se, de hábito vestido, oferecendo ao Altíssimo a sua boa crença, mas em humilima idéia de si próprio.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

A sombra avançou; êle meteu-se pelo escadario, foi tacteando na treva que, a súbitas, se iluminou, num relâmpago azulado, e viu, junto do seu ombro, uns dedos garreados; uns olhos fosforescentes o fitavam; ia a abrir-se uma bôca larga e vermelha, sob um bigode fulvo, para lhe falar, quando, no seu terror, encostando-se à parede fria, o jóvem traçou o Sinal da Cruz, tão fundamente em crença que ainda hoje existe, como se o dedo macio do postulante fôsse um cinzel da fé.





SEGUNDO QUADRO

OS HUMILDES DO SENHOR

FREI Gonçalo Mendes, Prior dos Cónegos Regrantes de S. Vicente de Fóra, preparou aquella vocação para tomar o hábito. O pai do noviço, desejando-o nos píncaros da celebridade como guerreiro, corraera, alucinadamente, a querer desviá-lo da vida que escolhera; outros parentes o procuraram, bem como os amigos da família, culpando de tal destino o ter nascido junto da Sé que o atraíra com suas muralhas num iman de crença.

Fernando fôra nado perto do templo; respirara, desde menino, o odor do incenso e seu berço tivera a embalá-lo o som dos sinos despejando harmonias, afugentando demónios; convivera, desde a meninice, com os religiosos e amara-os; na casa de Deus, antigo templo de moiros, tivera aparições e sobressaltos e brincara com as coisas sagradas que talvez lhe revelassem o fruto de suas vidas seculares.

Estava no mosteiro; dava-se à oração e ao estudo em que os cónegos eram mestres; po-

rém, desejava fugir às solicitações dos seus, às queixas paternas, aos conselhos dos que se lhe achegavam, porventura às maternas súplicas, e, mais do que nunca, impellido para a sua ânsia de bem servir Deus, pediu uma cela no convento de Santa Cruz de Coimbra, pertencente à ordem rica, poderosa e sábia dos agostinhos cujo hábito envergara.

Reinava D. Afonso II. Acalmada a luta com a Igreja, que renasceria mais violenta, dilataram-se os domínios da religião (1).

Houvera, porém, acesa peleja entre o rei e os irmãos em virtude de disputas sôbre os legados paternos. As infantas, desapossadas, lamentavam-se nos seus castelos de que lhes queriam tirar o total senhorio; o infante D. Pedro partira a oferecer seus serviços ao soberano de Leão e, entrando em guerra contra a moirama, tais proezas praticara que fôra considerado o maior capitão do exército de D. Afonso IX e seu bom conselheiro. Estendera as suas expedições; conquistara Merida e, salteando Marrocos, libertara das mãos dos bárbaros os corpos incorruptos dos sete martirizados e ofertara-os ao convento de Santa Cruz. Depois largando, de novo, para o exílio, achara uma espôsa e uma corôa na terra alheia onde ia reinar, tornando-se o marido de Aurrembiax, condessa de Urgel, e soberano do condado.

Não refulgia, porém, tanto o seu diadema como aos olhos de frei Fernando de Bulhões as relíquias dos Santos Mártires de Marrocos. Elas eram o exemplo máximo da alta crença

(1) *Legendas de Portugal — A Excomunhão do Primaz — Legenda da cidade de Braga.*

conduzindo os homens, através do todos os perigos, para conquistarem as almas desviadas da verdadeira religião.

Apontavam-lhe os feitos dos soldados, avançando, de lanças em riste, nas mesnadas e destacavam os daquele príncipe que fôra à terra distante buscar os restos dos sacrificados; porém, as vítimas eram bem mais belas e até mais bravas do que êle, pois tinham ido, sem outras armas, além da imagem do Redentor, meter-se entre as selvas onde rugiam as feras da descrença.

E, mais uma vez, o noviço sentiu a espicaçá-lo uma ambição: ser como eles; morrer com as palavras de Deus nos lábios para exemplo da fé ante os idolatras admirados e em fúrias.

Culpava-se, porém, de pecado maior ao querer igualar-se aos supliciados.

Continuara a estudar; os mestres admiravam-se por sua prodigiosa memória e o Dom Prior, João César, comprazia-se ante as qualidades do discípulo de dezoito anos que se tornava, pouco a pouco, uma luz do saber.

Era opulenta a vida do mosteiro. Santa Cruz de Coimbra deslumbrava com suas riquezas; seus réditos e prerrogativas eram enormes e os reis não deixavam jámais de acolher os monges tão poderosos que até os desafiavam. Viviam como prelados, ungidos de imunidades, dando-se aos livros e às artes, tendo por logradouro quintas formosas, de arvoredos frondosos e de águas cantantes, na veiga coimbrã, formosa e dolente. Enchiam de discussões o capítulo de arquibancadas magnificas, e, no refeitório vasto, enquanto um dos freis lia o grande livro da fé, eles sa-

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

boreavam os manjares deliciosos, bebiam os vinhos loiros, jejuando pela regra só nos dias destinados ao sacrifício. Vestiam-se em hábitos que mereciam os respeitos; o arcebispo de Braga, o audaz e soberbo D. Estêvão Soares da Silva, era seu hóspede nas vindas à cidade e recebia os cônegos nos seus paços com honras de pares da sua dignidade.

Os pobres acudiam em bandos à portaria; havia-os de todas as idades desde as criancinhas de carnes ainda rosadas, começando na trilha da desgraça, até aos velhos cansados do labor e abandonados como bestas sem mais valia; vinham as mulheres de seios vazios junto das quais agonizavam os filhinhos e apareciam no átrio do santo refúgio os cegos, os aleijados, os limos humanos atirados para a ressaca da existência.

Fernando atendia-os entre os leigos dando-se àquela humildade e um dia viu, entre o bando faminto, dois homens de hábitos rôtos, religiosos como êle, mas, decerto, duma Ordem menor, paupérrima, a plebe dos religiosos.

Despejou nas sacolas dêsses recém-vindos à sua portaria o mais pingue óbulo sem, todavia, desfalcar os pobres de pedir; perguntou-lhes quem eram e onde assistiam e, tão maravilhado como em criança ao olhar as núvens dos coruchéus da Sé de Lisboa, escutou a história que o enterneceu e preocupou.

Eles seguiam a doutrina dum humilde varão que vivia na Itália, em Assis, chamado Francisco e cujas virtudes o tinham celebrado no mundo. Filho de família opulenta, abandonara o oiro e o sossêgo do lar para correr até às misérias humanas e tratá-las de rastos,

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

dando de comer aos míseros, enchendo-os de carícias, curando as suas chagas. Quando as cidades, em delírio por tanta virtude, o acolhiam de gonfaldões desfraldados, êle, num ímpeto, querendo demonstrar o seu desprezo pelas pompas, voltando-se para o povo, procurava o barro, as lamas ou as nitreiras, para se espojar ante as homenagens dos grandes mostrando-se vasa e querendo nela revolver-se.

Não guardava para si uma migalha enquanto visse uma fome e o que sobrava aos mendigos daquele dia dava-o às avezinhas que o comiam na concha da sua mão pura. Assim era o varão de Assis, o padre tocado pela graça divina, Francisco, o humilde, o santo, a quem denominavam «o Seráfico».

Estendera-se pela terra o número dos seus adeptos que bem pouco precisavam para viver, e eles, ali em peditório, moravam lá em baixo, fóra das muralhas, num terreno de olivedo que a rainha D. Urraca lhes ofertara e onde estavam erguendo um convento por suas mãos sob a imagem mais querida do seu patriarca: Santo Antão, o doce anacoreta da Tebaida, o fundador dos mosteiros nas terras dos pagãos, resistindo a todas as tentações, ao lado do mais desprezado dos animais, do qual fizera seu companheiro: o porco.

E era êsse Antão, por outros chamado António, que eles relembavam ao construirem as paredes monásticas, abrindo os alicerces, amassando a cal, carregando as pedras em honra do santo e do Senhor. Alimentavam-se de côdeas duras, dos sobejos dos ricos, das migalhas dos frades crúzios, tão opulentos e fidalgos.

SANTO ANTÓNIO DE LISBÕA

Eis quem eram os seus patronos; eis quem eles eram!

O mais novo atirou o sacco para os hombros; o velho, que o acompanhava, buscava ajudá-lo sopesando-o na base e assim, metidos nas vestes esfarrapadas, se perderam para as bandas dos campos onde se ia edificando o convento de Santo António dos Olivais, à beira de Coimbra.

Fernando ficara a pensar naqueles humildes clérigos; no exemplo de fé do seu padroeiro e, comparando todos os sacrificios dos monges com a vida lauta dos seus mestres, sentia-se apoucado e ofendido como se roubasse aos pobres o trajo, o leito e o pão.

Crescia dentro em sua alma uma eloquência impulsionadora e condenatória para os ricos.

Lutou ainda uns dias, receoso de o terem por ingrato e, a certo tempo, dirigindo-se ao Dom Prior, participou-lhe sua intenção de o deixar e aos agostinhos.

Luziram as pupilas do douto freire; imaginou-o turbado, farto da vida religiosa e, quando ia interrogá-lo, viu que, despindo o hábito crúzio, já trazia sob êle o dos frades menores da Ordem Seráfica. Usava-o na alma. Batera à porta do cenóbio; sentira-se atraído por sua resignação e esperança; queria viver como eles e, porventura, conhecer o místico que tanto admirava da sua cela rica de Santa Cruz.

Pedira a almáfega como uma esmola e também que o crismassem, deixando seu nome de Fernando pelo de António, simples monge como o anacoreta, para esquecer apelidos fidalgos e sumir-se mais do mundo e das sú-

plicas dos seus parentes. Assim se volvia em desconhecido.

O mestre encarou-o com tristeza; os cônegos molestaram-se como se aquêlê procedimento fôsse a sua condenação e um deles, em sarcasmo, em ira, apontando-lhe a magnífica porta do mosteiro, dissera-lhe:

— «Vai-te embora, irmão, vai-te, que, por ventura, ainda serás santo!»

Grave, sem orgulho, António volveu:

— «Quando ouvires dizer, irmão, que eu sou santo, louva a Deus!»

E deu os seus primeiros passos, descalço, do pórtico magnífico de Santa Cruz para o mesquinho convento dos Olivais.





TERCEIRO QUADRO

A ELOQUÊNCIA DA CRENÇA

O PIEDOSO franciscano achava pouco, para as exigências da sua crença, a vida, embora humilde, que levava, e tomando por exemplo os mártires cujos corpos vira, após o holocausto à fé, quizera passar à Africa.

A sua compleição, os jejuns, o trabalho, a fadiga não eram motivos para se deter na missão e, com um entranhado zêlo, começara a evangelizar. Os infiéis ameaçavam-no e êle, sob o sol ardentíssimo de Marrocos, mostrava-lhes como um ser cheio da divina graça pouco caso faz de regalos. Tanto como um soldado no combate, o frei sacrificava-se. Dobavam-se os dias e êle não afrouxava o seu pensamento de colher almas para Deus, tomando, sempre, a desconfiança e o ódio dos grandes ao ouvirem-no falar aos pequenos na voz cariciosa e com as palavras fraternas da verdadeira religião, as quais, por serem transformadores sociais, impediram, durante séculos, que os poderosos as aceitassem.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Entre ameaças, cóleras e insultos vivia o dôce mancebo quando seu corpo se abateu incapaz de o sustentar na rudeza da tarefa e logo os superiores o mandaram partir para a Sicília, em busca de saúde, no clima temperado da Itália, magnificente a seus olhos.

E' que êle, subtraído ao zêlo pela moléstia, arrancado do seu posto, vencido, doente, suspeitara da vontade de Deus em encaminhar seus passos para mais perto do ser raro e exemplaríssimo que era o patrono franciscano.

Queria vê-lo, sentí-lo, inspirar-se na sua virtude e, como soubesse que se reunia um capítulo em Assis, desejou ir assistir-lhe com a entranhada idéia de respirar no ambiente do que já chamava santo. Porém êle, ou andava por longe, ou deixava a seus discípulos os cuidados dessas reuniões, e António, molesto, enfêrmo, apagado, sumindo-se no seu hábito, quedou-se num cantinho ouvindo falar os luminares da Ordem dos frades menores que tratavam do futuro da sua grei.

Assis, com seu monte vestido de verdura, suas águas chalrantes, cheia de arvoredos e de sol, parecia-lhe um canto do paraíso só porque dali nascera o mais portentoso dos homens, que o era para a sua sensibilidade. Havia tão lindas terras em Portugal como o era essa ridente vila italiana; não lhes faltava a luminosidade, a frescura, as paisagens revestidas de beleza; porém, nenhuma delas tivera um berço de tanta santidade como a do patriarca que, renunciando aos bens e aos gosos, ensinara aos seus irmãos o sacrifício, a renúncia, com os olhos postos no céu.

Iam-se distribuindo os frades por diversos

conventos e missões, indicava-se-lhes as suas obras, dizia-se-lhes quais seus fins. Cada um deles era como a abelha laboriosa que, parecendo brincar, trabalhava para o fabrico do mel celestial na colheita das almas em flôr ou, como as formigas teimosas, transportando para o celeiro divino todas as coisas aproveitáveis. Só êle ficava no seu canto, humilde e mudo, como desdenhado por desconhecido.

Entre gente de tanta pouquidão, livre de preconceitos e querendo apagar-se, António dava graças ao Altíssimo por ser o de menos vistas, sombra das sombras à sombra dum hábito esfarrapado.

Orava mentalmente quando a assembléa se desfez. Todos aqueles obreiros iam seguir o seu destino, uns para as florestas longínquas a lutarem com as inclemências, outros para os reinos dos infieis procurando desbravar-lhes o entendimento; muitos não voltariam, viageiros perdidos para o mundo mas ganhos para o céu; diversos, entre eles, sentiriam a graça a favorecê-los desde que trouxessem pagãos conversos na sua rêde de bons pescadores. Marchavam para a sementeira e para a colheita e êle ficava, sem utilidade, como um ente inútil quando sentia em seu coração o maior desejo de sacrificio.

Dirigiu-se, humildemente, a frei Graciano, superior dos frades na Romandiola, e solicitou-lhe que o levasse onde o Geral, a-fim-de o vêr, de o contemplar uns instantes e ouvir sua voz que de longe tanto o inspirara que parecia conhecê-lo.

Francisco de Assis, pálido, esquelético, com um brilho divino nos olhos adivinhadores, parecia já pairar muito acima da terra,

SANTO ANTONIO DE LISBOA

a-pesar da pobreza de suas vestes, do descuido de seu trajar. À vista do frade português êle devia aparecer tão sobrenatural que mal teria coragem para o contemplar demoradamente. Só as águias fitam o sol. Francisco, o Seráfico, era um astro e António de Lisboa considerava-se o mais pequenino dos insectos.

Disse-lhe, em receios, o que ambicionava: um lugar solitário onde pudesse orar a Deus, longe de outros cuidados que não fôsem o de servir ao Altíssimo as suas modestas preces. Indicou-lhe o monte de S. Paulo, um ermo, onde êle teria que edificar abrigo e procurar alimentos além dos pães, levados, de semana a semana, duros e negros, pelos padres que os serviam e largavam pelas escarpas até outros eremitérios, os pés em sangue, carregados com as suas sacolas.

Não cuidava de encontrar na terra mais produtos; bebia da água que jorrava das pedras; as côdeas pétreas, molhava-as na linfa para as poder tragar, ao cabo de alguns dias, e, quando os fiéis voltavam com seus novos carregos, encontravam-no feliz, num extase, de joelhos, sentindo-se mais perto do Criador.

A felicidade atingia-o no seu viver de anacoreta e se no seu retiro se lembrava, algumas vezes, do mundo, era para o detestar com as suas mentiras e hipocrisias, querendo, porém, emendá-lo, devolvendo os espíritos à sua primitiva pureza. Enchia-se do culto divino; chegava ao absoluto desinterêsse por tudo quanto não fôsse a sua altíssima fé e, vendo em todas as suas alucinações o poder do demónio, tremia de lhe ceder. Lembrava-se de Santo António e de todas as maravilhas que o inimigo

levava até ao seu tugúrio para o meter em pecado. A sua carne abstémia nem sequer vibrava. A gula morrera ante o seu pão e água bastantes para se manter; a soberba finara-se perante a inanidade das coisas humanas profundadas nos seus estudos, pois ia lendo sempre os livros dos sábios doutores da Igreja. Jámais pensara nas fórmulas femininas a não ser em pureza, como as da Virgem Maria; inveja não a sentira de pessoa alguma pois considerava-se o mais venturoso dos mortais, sòzinho, naquele sítio, onde só ouvia o cântico das aves, de dia, e os uivos dalguns lobos no longo decorrer das noites. Fóra disso, só a água correndo ou algum insecto a zumbir sôbre a árvore meia desfolhada que tornara seu abrigo. Dum pecado mortal se culpava: a preguiça de sair daquele lugar e ir pedir a sua parte no martírio a que se sujeitavam seus irmãos. Estava cadavérico; só tinha olhos no rôsto macilento e eles bem diziam do fogo interior que lavrava a sua alma. Culpou-se e desceu da solidão, ao cabo da penitência, a-fim-de solicitar o posto para o qual se julgava apto. A sua carne não receava as feridas porque ao seu coração revestia-o a couraça da fé; a sua vida doara-a a Deus e, com tais pensamentos, ao chegar a Forlinio, onde se encontravam alguns frades e o seu superior, não soube dizer o que desejava.

Parecia ter ganho a mudez e a ausência de idéias naquele asilo onde só falava mentalmente com o Pai do Céu. O prelado desejou que algum dos seus subordinados prègasse, e êles, todos, em humildade, se confessaram despalavrados para o intento. Voltou-se para o eremita e indicou-lhe o que esperava

dele; ouvira dizer de suas meditações sôbre os grandes livros da Fé; crescera a reputação de sua curiosidade ante os papiros antigos e êle, que os lêra no deserto, balbuciava apenas solicitando para seu ofício a lavagem das concas das refeições nas cosinhas, limpar e varrer os dormitórios, mais do que prègar, pois sentia-se ínfimo e incompetente.

O superior deixou o pedido e impôs-lhe a regra. Ordenou-lhe que fizesse o seu sermão, mal ou bem, tartamudo ou eloquente, perante os freis ali reünidos. Volveu os olhos ao céu, e, pedindo a graça de Deus, saíram de seus lábios torrentes de frases tão lindas que António parecia expelir as mais belas flôres de sua bôca, há pouco mesquinha e áfona.

As palavras escorriam dos lábios do português como duma fonte puríssima, evocando as águas doces irisadas pelo sol brotando de uma nascente, as aves surdindo dos ninhos para os espaços com suas penas brilhando à luz, as gemas preciosas despejadas sôbre a terra e compostas pelas magnificências dos espaços.

Acabara; a comunidade olhava em pasmo aquêlê monge vindo do eremitério, apagado e sombrio, e que albergava tanto talento. Era a graça de Deus.

Correu a fama dessa oração formosa. Francisco de Assis, inspiradamente, mandara-o juntar-se ao douto e sábio abade Vercelli, a-fim-de o doutrinar e ensinar o que faltava em clerizia a êsse talentoso e modesto frade, viajor do ocidente do mundo até ao resplendor da santidade.

António, ao vêr-se assim alçado, tornava-se, ainda, mais humilde.



QUARTO QUADRO

OS INICIAIS MILAGRES

AS luzes do talento juntava frei António as graças da fé, porventura maior dom divino que a própria sciência.

Era um grande prègador mas seu hábito igualava sua modéstia; simples e apagado, parecia querer confundir-se com a sombra.

A sua voz comovia; porém, o seu exemplo frutificava mais.

Os herejes sentiam-se fulminados.

Èle saía da Igreja com vagares de quem pretendesse analisar os pecadores e detinha-se nas ruas a falar-lhes como se os adivinhasse.

Quási batia às suas portas e, quando lhe constava que a maldade lavrava ou assentara residência num coração, ia, afoitamente, combatê-la.

Por vezes, alguns mais ousados defrontavam-no, antepondo às suas razões os sentimentos pagãos que os enchiam.

Apareciam-lhe velhos inveterados de pe-

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

cado, rubros dos excessos, frascários, gulões, desprezadores da moral e procurando, ainda, nos prazeres da carne os consolos das suas satíriases.

Diante do frade magro, esquelético, duma palidez seráfica, começavam pelo sarcasmo e pelas propostas perversas, querendo conduzi-lo aos lupanares e às devassidões, dizendo-lhe só falarem contra os gozos da vida aqueles que jámais os tinham roçado.

Então, na sua eloquência persuasiva, êle apontava-lhes a morte igualitando os seres no mesmo descarnado, roubando a beleza mais triunfal, atirando ao limbo tanto os mendigos como os poderosos e a atormentar mais aqueles que, por muito amarem as denominadas delícias, maior sofrimento tinham em se separarem da existência.

Os simples, os humildes, os desambiciosos, para quem bastava uma sombra de árvore, um pedaço de brôa, um púcaro de água e um livro de fé, sabiam melhor aconchegar-se na viagem para a eternidade.

E, assim falando, na cidade de Arimino, em presença dum poderoso mergulhado em heresia, viu-o convertido a seus pés, arrasando os que lhe admiravam o septicismo.

Aumentara a fama do frei português e tanto que o Pontífice Gregório IX o cognominara de Arca do Testamento, por conter com a sapiência a virtude e com a crença o estoicismo.

Peregrinava pelo mundo como um mensageiro da palavra santa. Onde havia misérias a consolar, a vencer, êle as aniquilava, e assim viajou pela Aquitania, a converter os heréticos, foi através da Flandres procurar os

bárbaros e, trazendo sempre consigo o entranhado amor pelo seu patriarca, evocava-o, nas horas de desfalecimento, e êle surgia-lhe como uma milagrosa aparição.

Arrastando pela Itália o seu séquito de fiéis, viam-no em França quando António pedia o seu socorro; sentiam-no, não imaterialmente, mas em presença, vivo, a abençoar o prègador e os ouvintes.

O douto e piedoso franciscano vivia num extase. Sentia, no seu corpo débil, a fôrça nervosa dum hércules e, num crescendo de fé, às mais terríveis tarefas se arrojou.

Vagueava pelo mundo; ficava-se a escutar os que procuravam um abrigo nos seus braços, rentinhos com o seu grande coração, no qual cabiam todas as dores alheias juntinhas com as suas.

Acorriam até êle os maiores criminosos e atendia-os.

Um filho batera na mãe, pontapeara-a e, ao ouvir o frade, confessara-lhe a enorme culpa. Repreendeu-o; mostrou-lhe como não merecia dos homens um afago ou um auxílio quem se voltava contra o ventre onde se gerara.

Êsse pé maldito, sacrilego, pertenceria ao inferno; cortado cerce êle devia ser.

O moço, no seu arrependimento, sacrificou o membro criminoso e, então, apareceu, abatida, a mãe — todas elas vivem cheias de graça como a de Jesus — chorando e gemendo, unvida de perdão para o filho que a espancara e a contar ao frei como êle se mutilara numa crise de contrição.

Seguiu-a até casa e, impondo suas mãos transparentes sôbre as chagas, unindo o pé

decegado ao vivo da ferida, sarou-a e o peccador pôde caminhar.

No fim, António acordava da sua tarefa como vindo dum mundo alheio, longínquo, superior e parava na ascese que o tomara.

Assim consolava as mães sofredoras; tocava de luz os berços, fazia uma justiça celestial e, castigando os maus, apontava como recompensa aos bons um consôlo mesmo na terra.

Cristo dissera dos avarentos, dos exploradores:

— «Aonde está o teu tesouro, aí está o teu coração!»

Ele, convidado a enaltecer a memória dum usurário, começou a sermonar com o conceito de Jesus e, apontando a família do finado, disse-lhe:

— «Ide ao cofre do dinheiro dêste morto e, no meio do oiro, achareis seu coração.»

Lá estava, vermelho e palpitante, roubado ao corpo para, na agonia, se amortallar no vício que o devorara e o enriquecera à custa das dores alheias.

Não ficava espírito sem consôlo nem fome por saciar; dizia a palavra justa doando o pão; embora não o tivesse para si, sempre o encontrava para os miseráveis.

O mêdo desaparecera da sua consciéncia e, dia e noite, avançando para os sítios mais perigosos, não temia nem as feras nem os homens.

Convertia os ladrões que se lhe aproximavam; mostrava-lhes a fealdade do roubo e, se eles se queixavam da miséria, das gentes que os repeliam, António buscava dar-lhes trabalho e acolhia-os contra o seu peito.

Assim, de terra em terra, se achegava das mais estranhas maldades e sanava-as; sentindo-se imune, beijava os leprosos de alma e não repelia os assassinos a não ser quando persistiam na heresia.

Sabia perdoar e, encontrando um monge, aterrado por sentir a carne a arder-lhe em tentações, confessou-o, ouviu-o, investigou.

Contava-lhe como, jejuando e ciliciando-se, invocando Deus de rastos e o seu patrono Francisco de Assis, nem assim conseguia mitigar a sêde abrasadora de pecar. Todas as turbações o assaltavam: as mulheres despudoradas agradavam-lhe com suas carnes macias, seus corpos estatuados; desejava os festins e os vinhos entontecedores; uma desenfreada gula o tomava e via grandes ucharias atulhadas de viandas, de dôces, de peixes raros; o odor das frutas exóticas perturbava-lhe as narinas e os pães loiros, cheirosos, vindos dos fornos para o seu paladar, faziam-no repugnar-lhe as côdeas duras e negras da penitência.

— «Que fazer, meu irmão, que fazer? Ainda não pequei mas sinto-me perdido, na orla dos pecados maiores!»

Queixava-se dêste modo e êle, despindo o seu hábito, entregou-lho e foi em busca de outro.

Como se tivesse envergado uma túnica de milagre, aplacaram-se as ambições e os desejos do excitado frei.

Mas nem sempre eram fáceis as vitórias do eloquente franciscano. Havia almas tão rebeldes a ouvi-lo e a converterem-se como os adustos rochedos inamovíveis mesmo para as alavancas da mais acrisolada fé.

Debalde êle buscava fazer-se escutar ante aquella multidão trocista, louca, mulheres e homens em desvarios, no meio das marujas recém-aproadas à terra e que deviam lembrar ao frade aqueles gigantes ruivos subindo das Portas do Mar, em Lisboa, para as encostas do Castelo. Recordaria os descendentes filhos dos pagãos que o arcebispo de Cantorbèry conduzira à Igreja com o pior deles, o rei Entelberto.

As vozes apodavam-no, as raivas subiam, e o frade, voltando-lhes as costas, dirigindo-se às águas do pôrto, ergueu os braços numa súplica para Deus e evocou os brutos, já que os humanos não o escutavam:

— «Vinde ouvir a palavra de Deus, peixes do mar e do rio, pois a não querem ouvir os homens herejes e infiéis.»

Escamas de oiro e prata flutuaram sôbre as águas azuis; os dorsos brilhantes da fauna marinha apareciam, com o fulgor das suas peles rebrilhantes ao sol incandescente e vinham os menores, os humildes, a plebe dos riachos, para mais perto do prègador como se êle melhor os atraísse; ao longe, os cetáceos, os animais dos oceanos, destacavam-se como grandes caravelas, mais longe do eloquente frei, pois que só podiam viver nas águas altas como os ricos só em palácios assistem.

E êle disse-lhes o que tencionava propagar aos homens, já admirados ante aqueles cardumes atentos e calmos, coalhando o mar, escutando as palavras do mensageiro divino.

Ia falando em enlêvo e, ao concluir, dizia:

— «Louvado seja Deus Todo Poderoso, que

mais ouvido e honrado é dos peixes brutos que dos homens herejes.»

Não sucedia assim; ao voltar-se, António viu uma multidão prosternada, nas areias da praia, envolta na mesma luminosidade que fazia rebrilhar os corpos variegados dos habitantes do mar.

Por sua vez, o franciscano ajoelhou e pôs-se em oração tão fervorosa como jámais o fizera, embora o fogo da fé sempre vivesse ateado no sacrário do seu peito.





«**V**INDE ouvir a palavra de Deus, peixes do mar, e do rio, pois não a querem ouvir os homens hereges, e infieis.»

(Santo Antonio de Lisboa — *Flos Sanctorum do Padre Frei Diogo do Rosario*).



QUINTO QUADRO

OS HEREJES HUMILDES E PODEROSOS

FREI António viajava em prol da palavra de Deus e não escolhia hospedagens, preferindo, porém, as humildes. Se adre-gava ficar num palácio era tão severo em seus reparos como se estivesse na mais mesquinha pousada. Não distinguia os pecadores.

Tornara-se rígido de aspecto mas de rosto suavíssimo, iluminado pelos olhos já ungidos pela divindade e pelo sol de Portugal, sua pátria. Inspirara respeito; envergava um hábito desbotado pelas intempéries; calçava sandálias despedaçadas por tanto viajar através das terras heréticas.

Acorriam a ouvi-lo gentes de todas as castas e, entre elas, alguns ousados, querendo destacar-se, desafiavam o frade a terreiro perguntando-lhe coisas de devoção, em ares escarninhos, aludindo aos seus sermões aos peixes e provocando-o.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Um deles, entre o populacho em chistes, quizera saber como era possível existir o corpo do Senhor na sagrada hóstia.

As pupilas do evangelizador esconderam-se nas pálpebras descidas, como a salvarem do relâmpago herético os olhos que viam Deus.

Propunham-lhe experimentar com um irracional o poder da sacra partícula e, então, o iconoclasta, entre o bando de servos e rascões, continuara a dizer que, certamente, os animais não comeriam a carne divina. Troçavam-no; queriam vexá-lo ao inventarem sacrilégios.

Fechavam uma mula durante três dias sem pascigo, e, ao cabo deles, ofertavam-lhe a hóstia.

Se não lhe tocasse, todos acreditariam nas palavras do franciscano; de contrário, não passaria dum charlatão.

No mesmo ar simples de sempre, abertas as vistas para o céu, bastou-lhe a sua infinita crença para selar o pacto.

Trouxeram a mulinha, nédia e esperta, de olhos húmidos no seu brilho, choutando a caminho do estábulo onde vivera como outróra a de Betelem junto do berço de Jesus.

Ela não era menos obra do Criador do que as aves, as flôres, os peixes, e até do que êsses profanos negadores do Altíssimo.

Findo o prazo dado para a experiência, apareceram os idólatras na praça em cuja capelinha António ia orando antes de dizer a sua missa.

Choviam os ditos chocarreiros; o mulheiro folgava com o espectáculo do dono do animal, carregado duma forte ração de fava e

palha, começar a acenar-lhe até que se acercara, menos apressada, decaída, fitas as orelhas, todavia, e com a luz de água viva nos rasgados olhos.

O frade saiu do grupo fiel a escoltá-lo de velas acesas; quedou-se diante do animalzinho que não tocava na farta ração e, ao contemplá-lo, o crente falou com a sua fé, evocando os incrédulos e declarando que mesmo os brutos, sem entendimento, conheciam o poder do Céu.

Disse; ergueu o relicário e a mula, baixando-se, pareceu dobrar-se ante o corpo divino refulgente na hóstia consagrada.

Quando o frei voltou do seu sonho alto não viu alguém de pé; prosternavam-se os que há pouco riam e, singelamente, ajoelhou entre eles.

Eram dêste e doutros merecimentos os milagres atribuídos ao português. Desfraldava-se a sua fama como um lábaro favorecido por um vento de apoteose e continuava, na sua estrada de apostolização, dispondo-se a tudo em honra do catolicismo.

Certa vez apresentaram-lhe comida envenenada, amarga como o fel, repugnante à vista, e disseram-lhe que, se a ingerisse e não morresse, todos êles, pouco afeitos a acreditar em favores divinos, se ligariam à fé salvadora, pois que o Evangelho dizia em relação aos eleitos:

«Se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal ou dano algum.»

Na simpleza de seu uso, o religioso voltou:

—«Isto que me pedis vou fazê-lo, não para tentar a Deus, em cujas palavras firmemente

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

creio, mas como zelador do Santo Evangelho.»

Comeu largamente do manjar; devorou-o como se quizesse desferrar-se de seus longos jejuns, tomando-o em ar de ingerir grandes parcelas de vida. Dir-se-ia estar na frente dum festim opíparo de mesa principesca e ser um guloso ávido de delícias. Não se lhe alteravam as feições; acabou de se servir e ficou repousado, sentindo a espionagem de suas faces pelos outros, em comêço de admiração.

Em vez da côr esverdinhada da morte, foi um dôce rosado que lhe tingiu a cutis como se a graça de Deus a tivesse bafejado.

Sucederam-se novas conversões; êle proseguia explicando a Verdade e os povos acercavam-se submissos, enchendo-o de louvores como a um ídolo. Mal reparava; sómente, ao farejar o pecado, descia para os atingidos do mal a sua mão consoladora.

Até no alto dos trônos campeava, por vezes, a heresia.

Ocupava o sólio da Alemanha o imperador Frederico II, tão scéptico e desvairado, que fazia das religiões motivos de mofa. Juntava na mesma moldura Moisés e Mahomet — a Bíblia e o Alcorão — dava-lhes o doce Jesus por companheiro e chamava-os três impostores.

Éra um bárbaro corrupto e mau. Folgando entre loucuras, bebia, cantava e, quando lhe falavam da salvação da sua alma, o soberano, gargalhando por entre as barbaças ruivas, espalmava a mãosorra, guantada de ferro, para jurar pelos seus ídolos que já metera um homem num tonel e ali o deixara morrer, a-fim-

-de constatar se a sua alma saía pela tampa hermética a adejar para o empírio, visto tratar-se dum mártir inocente.

Consequira fazer escola; à sua beira, os senhores e os reitres troçavam da alma e viam-no em actos de magia, muito curioso de todas as coisas, não acreditando nos dogmas.

Entregara crianças recém-nascidas a amas mudas, a-fim-de estudar o mistério da linguagem e, zombando do Papa, dos Santos, de Deus, o monarca só acreditava no poder de suas hostes vestidas de ferro.

O Pontifice, Gregório IX, chamara António a Roma, a-fim-de prègar uma nova Cruzada, e êle, na sua eloquência, parecia engrossar para os exércitos todos os crentes que se armavam e apareciam cantando à sombra dos chuços, das lanças, das partazanas altas. Eram rios a despejar-se no oceano.

Por detrás dos seus soldados heréticos, o príncipe ateu prometia entrar na conquista do Santo Sepulcro, resgatá-lo dos infiéis; porém, demorava-se, ambicionando mais as belezas da Itália, com seus vinhos estonteantes, suas mulheres ternas, seus mármores maravilhosos.

Não partia a ajudar a libertação da Santa Jazida e, quando se resolveu, atravessou as terras em alegrias despejadas, violentou, saqueou, acabando, não a bater-se, mas a comprar Jerusalém a El-Kamel, o sultão, sucessor de Aladino. Depois, num arreganho triunfante, coroou-se imperador diante do Santo Sepulcro. O arcebispo de Cesária lançou o interdito sôbre a terra sagrada e de Roma voou a excomunhão papal contra o Anti-Cristo, o Hereje, a Besta de Apocalipse, refulgente como um demónio ameaçador e fero.

Maiores pompas o rodeavam; apetecia as teatrais exhibições com escravos e carros de ouro; amedrontara o orbe, enquanto a voz de António convocava mais cristãos para a Cruzada contrária ao ímpio.

Para os regalos de Frederico II apeteciam as regiões italianas. Farto dos ardores da Judeia e das neves da Germânia, queria conduzir para as doçuras de Parma, das Sicílias, de Bolonha, de toda a Sardenha a sua côrte de bárbaros, de incrédulos, de gozadores.

A excomunhão mal lhe importava; porém, um dia deteve a onda invasora. Como se as palavras do monge português soassem em rebate dum sino portentoso alarmando os povos, o imperador hesitou, preferindo ir dominar a Dinamarca, vencer as hostes de Haquin IV. Num ímpeto, transtornado, mandara acender as fogueiras expiatórias para as quais lançaria centenas de frisios suspeitos de heresia pelo arcebispo de Bremen.

Aos clarões terríveis destes braseiros dum holocausto que não se lhe indicara, o autocrata leu aos senhores a sua carta pedindo a amizade do Papa.

Parecia ter receado quem agitava o mundo católico.

Para o frade eloquente, cuja reputação de milagreiro aumentava diariamente, o soberano não devia aparecer como um sincero convertido; o poder divinatório do monge decerto o lobrigava, de futuro, todo vibrante de cubiça ante as magnificências italianas, querendo dar a corôa dêsse império de luz, de riqueza e esplendor a Esio, o mais querido dos seus filhos.

Porém, por agora, Frederico II, aquietado,

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

parecia olvidar as antigas idéias. Enquanto não as retomava dir-se-ia submetido; engrossando o seu exército, gerava a dúvida mas dera uma trégua à Igreja.

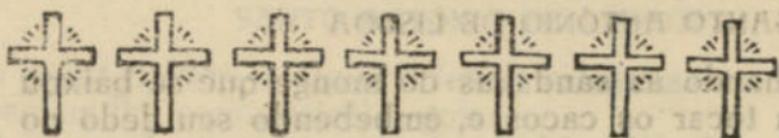
Havia quatro anos que Francisco de Assis se finara. Jazia, cheio de santidade, no seu túmulo, na terra celebrada por suas virtudes.

António ainda não pudera ir ajoelhar-se junto da sepultura do ser que mais o inspirara para a sua via de sacrifícios que lhe parecia doçuras.

Apetecera uma existência igual à do santo mas logo se turbara de terrores, ao vêr-se em pecado de ambição; e, voltado para Deus, entregue aos seus sonhos, abria bem o peito para que Ele visse não habitar ali a vaidade ou a soberba, tão feias e tão indignas.

Vivia dentro do seu espírito só uma aspiração: a de bem servir. Tivera-a desde menino; na sua casinha lisboeta, nas vizinhanças da Sé, quando parava nos folgedos para meditar; conservava-a na idade de trinta anos, nas suas peregrinações pelo vasto e corrompido mundo.





SEXTO QUADRO

SAUDADES DAS PÁTRIAS

VOLVIDO à França, acompanhado por outro frei, o taumaturgo perseverou na sua humildade, tendo apenas o desejo de bem cumprir a regra franciscana. Dir-se-ia que guardava na alma a imagem do Seráfico S. Francisco.

Seu nome alastrara; ressoava o clangor de seus miraculosos feitos, sempre acrescentados pelo poder divino. As suas devotas ouviam-no a grandes distâncias; escutavam os seus sermões como se as ondas dos espaços lhe conduzissem os écos desde os confins do mundo.

Bastava anunciar-se para provocar a contemplação maior, e, em casa de uma viuva pobre, que o olhava estarecida, um seu companheiro partira um copo ao fazer um gesto mais vivo. Ela deixara destapado o barril do qual lhes oferecera o vinho.

Tilintaram os pedaços da vasilha na lágea grossa do casebre e um riacho roxo escorria, sinuoso e rápido, em direcção à porta mo-

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

lhando as sandálias do monge que se baixou a tocar os cacos e, embebendo seu dedo no líquido, êle voltou, obediente e veloz, para o pipo enquanto, unidos os pedaços do recipiente, de novo por êle se pôde beber.

E, daí em diante, ao espalhar-se a graça de suas mãos, as crianças que em seus folguedos traquinas partiam as botelhas com que iam às vendas, as rapariguitas chorosas ao vêrem as suas infusas estilhaçadas, as velhinhas trémulas e desgostosas, diante dos restos dum bilha, dum alguidar ou do tachinho de suas sopas, volviam para o franciscano seus melhores pensamentos e preces e não iam de novo ao oleiro. Por toda a latinidade — e sobretudo em Portugal — António tornou-se o ídolo dos pequeninos, das donzelas, das velhinhas cujas traquinices, ligeireza ou abatimento as fazia quebrar as louças, preciosas em suas pobrezaas. Entraram uns, os garotos, a pedir-lhe brinquedos; as casadoiras a orarem por noivo e as senectudes a solicitarem-lhe résteas de sol para se aquecerem, bocadinhos de oiro da luz para terem a ilusão da mocidade, pois ao tomarem-lhes os alvos cabelos, e ao darem-lhes tons loiros traziam-lhes as forças da juventude.

Êle, desatento, nem sabia o culto de que era objecto. Vivia num mundo alheio, lendo os seus livros, tratando com o imaterial, correndo a Europa, sempre sob o hábito velho, não olvidando os papiros sagrados, as obras dos doutores da Igreja que constantemente lia.

As tentações tinham-se afastado dêle. Os pergaminhos amarelos, aos quais profundava as belezas da Fé, pareciam ter-lhe comuni-

cado a sua rigidez, e aquelas letras estranhas apareciam-lhe como estrêlas-guias.

Acompanhavam-no sempre dóceis; sentia-as palpitantes à sua volta como adejos de asas arcangélicas, e as visões do que ia pelas distâncias assaltavam-no ao transportar-se, sem querer, em imaginação aos lugares seus conhecidos, aos pontos onde vivera, muitas vezes até aos eremitérios habitados, outrora, pelos santos.

Um seu hospedeiro, muito crente, honrando-se porque o recebia em sua casa, escolheu para êle um aposento, quieto e recatado, a-fim-de que o franciscano pudesse entregar-se em paz às suas preces e leituras.

Ali o deixou e indo, ao cabo de tempo, perguntar-lhe se desejava alguma coisa, ficou extático ante o espectáculo que se lhe deparrara.

O religioso debruçava-se para a obra de sua leitura e, brincando com as fôlhas ásperas, estava uma criança linda, de olhos luminosos, cabelos suavíssimos, carinhas rosadas que outro não podia ser senão o Menino Jesus. Seus deditos minúsculos passavam mimosamente as páginas amarelecidas do livro do santo e iluminavam-nas tanto que no rôsto de António, e em volta da sua cabeça, surgia um resplendor.

O hospedeiro, tomado de deslumbramento, caiu de joelhos; sentia-se, também, em graça. Deus permitia-lhe que visse seu Filho alumiando o frei como a ensinar-lhe o caminho do céu, inspirador dos conceitos daquelas santas doutrinas.

O religioso volvera-se a Itália a prègar; mais de que nunca as multidões acorriam a

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

festejá-lo e se não se lançava, como S. Francisco, nos monturos a-fim-de mostrar sua humildade, ante as honrarias, por todos os modos demonstrava como preferia o tratamento dos pobres.

Repelia da sua mesa os manjares saborosos, os pães de côdeas macias, as frutas exóticas e as carnes aloiradas das aves provocadoras da gula; desdenhava dos vinhos capitosos, apeteendo a água e bebida por púcaros de barro vulgar.

Ante os leitos pomposos, escolhia nos sobrados uns palmos sem tapetes, para estender seu corpo mal vestido no hábito rôto sob o qual os cilícios recordavam a dôr.

Preferia jornadas a pé e só para as suas orações lhe serviam palácios, cabanas, orlas de água ou montanhas, sentindo, todavia, que as preces feitas numa capelinha deviam ser mais escutadas no céu pelo Altíssimo de que as entoadas através das grandes e pesadas abóbadas das catedrais.

Suas visões despertavam-no; enchiam-no em avisos, por vezes tão pöderosos, que êle, caíndo no êxtase, julgava despegar-se da terra e ir pelos espaços até aos lugares onde sua presença era precisa.

Sucedeu-lhe que, prègando numa cidade italiana, o acometera um dèsses sobressaltos e, diante de seus olhos privilegiados, deparara com seu próprio pai, manietado, prèso, conduzido pelas ruas de Lisboa que êle não via desde a meninice.

Eram elas, sem dúvida, ensoalhadas e em algazarra, rôstos entrevistados atrás das adufas, mulhierio correndo, garotos em bandos e cães ladrando atrás dos aguazis, vestidos de ne-

gro, que conduziam Martim de Bulhões, de cabeça baixa, envergonhado, porque, sendo oficial do rei, o levavam como a um bandido dos caminhos. Luziam as pontas de lanças, e os cravos vermelhos, nos poiais das janelas, pareciam gôtas de sangue a quererem alçar-se ao céu; paravam os cavaleiros, vestidos de gala, em pasmo para tão estranho cortejo como era aquêle onde ia um homem nobre entre os meirinhos.

Seguia-o na sua marcha trémula até à Câmara onde os edis, carrancudos, de olhos severos, faziam gestos para afastarem a turba, e, sentados, hirtos nas suas vestes rígidas, entre os archeiros cobertos de ferro, encaravam o réu, numa indignação de quem não compreendia que um dos seus pares tivesse chegado à ignomínia.

Acusavam-no do desvio das rendas do rei; as suas vozes eram irritadas, fortes, e suas carrancas não agouravam clemência.

Por sua vez, Martim de Bulhões, sacudindo as algemas, ia falar, dizer de sua justiça, contando como tendo fiado dos officiais encarregados da cobrança dos dizimos êles o ludibriaram não lhos entregando e querendo afirmar o contrário diante dos magistrados.

Sua consciência estava calma, seu coração puro, suas mãos limpas de crimes, tanto como as dum filho seu, que andava pelo mundo espalhando a doce palavra de Jesus.

O prêgador continuara diante do seu público prosternado ante o êxtase mas os culpados dos roubos à fazenda viram, em Lisboa, nas suas casas, um môço, de olhos luminosos, que lhes dizia para repôrem os frutos de suas lapidações.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

—«Ide levar a êsse homem inocente o que o accusam de ter tirado. Vós o recebestes!»

E citava os dias, as horas, as pessoas como se tivesse estado junto delas nos momentos do pagamento.

Julgaram os ladrões não que suas consciências despertavam, mas o mêdo assaltou-os, receando o testemunho cabal do frei, e, dirigindo-se ao Senado, entregaram as quantias, libertando o pai do taumaturgo. Em seus pulsos ficaram fundos sinais das algemas; porém, desceram as lágrimas consoladoras por suas faces; encheu-se-lhe a alma de esperanças e, ao sair, ante os respeitos, pareceram-lhe mais belas as ruas que o prêgador via, com suas gentes, suas adufas, perfumadas de cravos e visitadas pelo vôo das alvas pombas.

A sua voz não tinha nem júbilo nem ardor novo ao continuar a ouvir-se; parecia mais macia, vinda de longe, do fundo dum sortilégio. E' que António regressava dum sonho no qual veria a tortura de seu pai, abandonado por êle para seguir Deus.

E era tanta a clemência e a bondade divinas que permitiam ao filho aquêle desdobramento, a sua chegada até à consciência ou ao remorso dos culpados, que viviam felizes com os roubos nas suas belas residências de Lisboa.

Aparecia-lhe, agora freqüentemente, uma casa, onde fôra criado, o burgo das Pedreiras da Sé, o templo cuja sombra se alargava pelo quintal vasto, ressoante dos pipilos dos pardais sôbre as árvores, que lá deixara verdes e formosas.

Os anos tinham passado; já lá iam mais de quinze que largara a família, a mãe velhinha,

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

o pai, aquêles parentes que o queriam desviar do culto e entrevia o seu leito, os seus escabelos, as salas, a cozinha vasta, todo o passado, nêsse lar onde alguma coisa o atraía.

E eram as manhãs luminosas atoadas de gritos, de pregões, os mareantes saindo das Portas do Mar, os barcos com suas velas, fundeados no Tejo, e o tumultuar dos negociantes, os sinos tocando, até que as tardes desciam num murmúrio como se a luz, desfalecendo, extinguisse a vida daquêle povo adorador do sol.

Chamava-o a imaginação muitas vezes a Lisboa. António era português.

Saudades tê-las-ia êle; porém, não do seu passado, na terra; mas de outra pátria, a que teria sido a do seu primeiro berço: o céu.



O pai, aqueles parentes que o queriam des-
viar do culto e enfeixar o seu peito, os seus
escabelos, as salas, a cozinha vasta, todo o
passado nesses lar onde alguma coisa o
atira.

E eram as manhãs luminosas atropadas de
ritmos de pregões, os mareantes saídos das
Portas do Mar, os barcos com suas velas lan-
deados no Tejo e o tumultuar dos negocian-
tes, os sinos tocando, até que as tardes des-
ciam num murmúrio como se a luz deslata-
cendo extinguísse a vida daquela povo ado-
rador do sol.

Chamava-o a imaginação muitas vezes a
Lisboa. António era português.
Saudades té-las-is éis; porém, não da seu
passado, na terra; mas de outra pátria, a que
teria sido a do seu primeiro berço: o céu.

Uma manhã de verão, a ventania de outo-
nho, mais quente do que os dias de outo-
no, os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte, os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte.

Os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte, os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte, os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte.



Uma manhã de verão, a ventania de outo-
nho, mais quente do que os dias de outo-
no, os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte, os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte.

Os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte, os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte, os seus olhos viram o céu azul e o
horizonte.



SÉTIMO QUADRO

A TRILHA DA SANTIDADE

TINHAM vindo frades de Montpellier, de Reims, de Tolosa, de Puy-de-Dôme, de Salamanca, da Galiza, do fundo de Portugal e dos mais afastados rincões italianos e bem assim das terras infeliças.

Reunia-se o capítulo franciscano e já havia alguns religiosos que, vivendo de perto com os reis e as côrtes, começavam a envergonhar-se de seus buréis; outros detestavam as penitências, os rigores da regra, aqueles sacrificios tanto do espirito do doce patriarca seu patrono, já subido ao céu, e que achavam, em demasia, violentos.

Na vasta sala do convento de Assis, onde os pés nus do santo tinham sofrido o frio das lages, iriam passar os monges, os senhores guardiões, superiores e comissários, calçados de borzeguins. Nas cozinhas acender-se-iam as fomalhas vastas para se assarem as grandes postas de viandas sangrentas, e, em vez dos catres duros, nas celas estreitas, aparece-

riam os leitões fôfos de boas lãs dos rebanhos criados nas pastagens fartas de Ombria.

Triunfara-se com a humildade e a pobreza; tinham-se imposto por sua devoção e renúncia os milhares de frades franciscanos que davam grandes exemplos na terra; as suas vozes litaniando foram romeiras atraentes das vocações e, agora, havia quem desejasse quebrar as práticas do grande seráfico, como se pretendessem desatar todos os laços que os prendiam ao seu pensamento sublime.

Vinham de longe; alguns traziam nos olhos o deslumbramento das côrtes e ambicionavam conventos ricos como os dominicanos, tão queridos das aristocracias; sentiam-se aptos para disputar as honras e o poder, e alongavam a transformação dessa Ordem de frades menores, pobrezinhos mas virtuosos, numa luzida congregação de religiosos cheia de esplendor.

Frei Elias, o ministro geral, devia ter escutado os ambiciosos; conhecedor da grandeza que ia bafejando os domínios, pouco afeito à resignada humildade do patriarca, elevava a voz e, como delegado de tais propósitos, puzera-se a querer impôr uma mudança nas regras.

Poderiam acabar certas leis, modificar-se, um pouco, a observância aos desígnios antigos, minorarem-se os trabalhos a que todos se obrigavam e consentir-se que se seguissem caminhos menos ásperos, trilhas de menor escharpa do que as escolhidas no comêço da Ordem.

Se não havia uma total aquiescência nos olhos dos congregados, pelo menos não se elevava um protesto, alto e firme.

Era como se o inimigo ali estivesse, sob o capuz de algum hábito, hábil e destruidor, querendo corromper as carnes dos monges, as suas almas votadas ao sacrificio.

S. Francisco fôra um dos vencedores do Demiurgo, o espirito puro que repelira todos os pecados; porém os seus filhos, herdeiros e sucessores pareciam de mais ductil matéria, aptos para escutarem as tentações.

Frei Elias prosseguia na sua explanação, tomado pelo desejo de harmonisar as regras a seguir com os costumes novos, a evolução a que o Seráfico não quisera atender, impondo o sacrificio total.

Longe dele pretender dar um golpe fundo nas idéias do santo fundador, mas tratava-se, apenas, de amenizar certas das suas severidades.

Algumas cabeças acenavam em aprovações e pouco faltaria para que rompessem os aplausos, quando António, erguendo a sua voz eloquente, num rompante de iluminado, começou o protesto vivo, ardente, severissimo.

Como se o próprio patriarca S. Francisco o inspirasse do céu, julgar-se-ia ser a voz do grande santo a que soava, ali, no capitulo geral, condenadora e rija, evocando o passado, a fonte do santissimo triunfo.

A regra não podia ser modificada. Continuar-se-ia a dormir nos leitos duros e a usar os apertados cilícios, a jornadaear a pé, praticando todas as orações. O descanso era indigno de tais obreiros do Senhor e somente o podiam fruir no dia em que êle o determinara; os grandes da terra mereciam-lhe menos do que os humildes e a imagem do

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

padroeiro devia acompanhá-los como um exemplo eternamente fixo sôbre os seus corações.

Ouviam-no em transe de ira, bem pouco do espírito franciscano, aqueles que sonhavam com as inovações; os outros, e eram a maioria, em louvor do Seráfico, pareceram acordar dum letargo no qual tivessem mergulhado por obra do inferno. Ante as palavras, repassadas de mágua, do seu companheiro, na vibração, por vezes repreensiva, que lhes punha, êles encontraram a submissão e visionaram, lá longe, nas alturas, o divino patrono a louvá-los.

Mas nem todos acolitavam o monge cumpridor, e frei Elias, revestido da sua autoridade de geral, levantou-se em ira e ordenou-lhe obediência. De cabeça curvada, o mais humildado possível, o português só soube redarguir com as palavras do varão virtuoso que fundara a Ordem, votando-a à pobreza, ao desprendimento das coisas terrenas.

Como não deixasse prosseguir a assembleia na estrada tortuosa que pretendia seguir, o superior deu-lhe ordem de prisão. Mandava-o recolher à sua cela quando uma fôrça maior do que a vontade do frei o impeliu para longe, o guiou para a porta, lançando-o nos campos, a jornadaear para Roma indo pedir audiência ao pontifice.

Recebeu-o Gregório IX com o carinho que lhe tributava; viu-o famélico, transtornado, sofrendo sem se queixar, os pés em sangue e sentiu-lhe a alma ainda mais dilacerada.

Ouviu-o e logo, ante as palavras repassadas de justiça do orador da Cruzada, do mílagroso monge, deliberou que ficassem nulas

as decisões do Geral e, mandando um delegado a acompanhar o queixoso, fê-lo nomear prègador e leitor pontifício, honras que só aos superiores engenhos se concedia.

Não o deslumbrou a vitória; tampouco quis ficar nas sombras das residências prela-ticias. Sua estrada era sempre pedregosa e, endireitando para Pádua, ali causou deslum-bramentos com suas prèdicas. O alto clero acudia a ouvi-lo revestindo-se de oiro e das púrpuras; o povo disputava os lugares, nas igrejas onde êle orava, e, quando António começava os seus sermões, apenas a sua pa-lavra fascinadora se ouvia como um dom ce-lestial.

Elegera a cidade para seu reduto; à sua fama antiga juntara outra maior. Adoravam-no nas ruas e êle, de quando em quando, sentia um alvoroço àcêrca dos seus, que estavam em Lisboa, e que, não podendo conter saudades terrenas, consubstanciariam avisos para aflitivas protecções.

Desta vez era sangue o que êle via no quintal da sua casa, onde brincara sob os ar-voredos, uma cova funda, esgarçada, na qual se sepultara um cadáver, e deparava com os homens da lei, nas suas togas, cercando a re-sidência, procurando apanhar o criminoso, o que lidara na treva dessa noite sinistra.

E sôbre seu pai se lançavam os meirinhos, inclementes e feros, algemando-o como da outra vez, olvidados já da inocência antiga, querendo levá-lo através da Pedreira da Sé, coalhada de gentio, diante da qual Martim de Bulhões proclamava o êrro dos juizes. Ou-via-se o clamor dos assistentes como o ru-gido portentoso dum mar enfurecido e os so-

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

luços, as lágrimas da família chegavam ao coração do franciscano como ordens para acudir a seu pai, tão injustamente condenado.

Mais uma vez António tentou iluminar a consciência de um magistrado que o vira, diante dêle, súplice, a dizer-lhe ter condenado um inocente.

Já lá em baixo, rente com as Portas do Mar, se tinha trabalhado toda a noite para erguer a fôrca, pintada de vermelho, na qual ia expirar o acusado de cujas virtudes o religioso falou ante o incrédulo juiz.

Talvez que não acreditasse ter na sua frente o filho do que julgava assassino, pois sabia-o a distância, no fundo da Itália, envergado num burel; pensaria numa alucinação que maior se tornou quando, ao acompanhar o condenado, no derradeiro cortejo, de novo viu surgir a figura que o aconselhara à piedade.

Lùgubrememente, num exemplo, ao som cavo dos tambores cobertos de dó, iam conduzí-lo ao patíbulo, passando diante de sua casa em cujo quintal estava ainda enterrada a vítima.

A populaça increpava o réu como matador mas, de repente, viu-se um frade, em desmaiado hábito, ordenar, em nome de Deus, ao assassinado que se erguesse da sua jazida e dissesse à justiça qual a culpa do acusado, que ali ia ouvindo as palavras dum sacerdote e a caminho da fôrca com baração ao pescôço.

No meio de enorme pasmo, dum verdadeiro espanto, a vítima levantou-se e disse «não ter aquêle homem alguma coisa com a sua morte».

Assim, ante uma tão eloquente prova, fôram obrigados a soltar Martim de Bulhões em

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

cuja presença o julgador se curvava nas sentidas desculpas. Mas, a súbitas, voltando-se para quem operara aquêlê milagre, pergunta-lhe o nome do verdadeiro assassino.

De joelhos, a turba supplicava como o juiz, e António, na sua serenidade, declarou:

— «Não vim para prender culpados mas para soltar inocentes!»

Desapareceu; e a multidão em Pádua, ao vê-lo passar, já murmurava, apontando-o:

— E' santo! E' santo!





OITAVO QUADRO

O CULTO

QUE era santo, dizia o povo, e como se, mais uma vez, a sua voz fôsse a de Deus, António entrava realmente em santidade.

Tinham-no destinado aos altos estudos e à propagação da palavra divina com a sua formidável eloquência, tanto dos portugueses e do resto dos latinos; e, mais do que nunca, excitado pelas abstinências, êle parecia ter redobrado do poder de destilar nas almas a segura fascinação.

Em Pádua seguiam-no pelas ruas, beijavam-lhe o hábito, ajoelhavam à sua passagem, e, alheio às honras, só parecia acordado ao topar algum grande pecador.

Pouco se alimentava, a-pesar das instâncias dos companheiros; seus sonos eram atormentados por sinistras visões; vinha-lhe à imaginação a mocidade e a infância quando, ao decidir dar-se a Deus e lhe tinham aparecido uns olhos fosforescentes, um sorrir satânico, à luz fátua, nas escadas da Sé.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Essas mesmas feições de outrora, como mais irritadas, tornavam a visitá-lo durante as noites. Fixavam-no aquelas pupilas profundadoras, de um brilho metálico na treva, como o dos felinos; a sombra indecisa, ao comêço, avultava e um corpo surgia, com seus braços longos e suas mãos enormes, cujas unhas recurvas, de ave de prêsa, êle jámais esqueceria e via-as descer, lentas, vagarosas, num prazer demorado para a sua garganta, decerto no intuito de estrangular ali as palavras de oiro, a fonte maravilhosa da eloquência divina que arrebatava as almas ao inimigo, ao demónio, ao Demiurgo.

Nessa noite, em transe agónicos, asfixiado sob o joelho rijo, ponteagudo, da aparição sinistra, o pescôço no tórno daqueles dedos garreados, evocara, na sua fé, o vulto querido da Mãe de Deus, chamara-a mentalmente, movera a custo as suas mãos e, fazendo o sinal da cruz, vira-se liberto, respirando, ao mesmo tempo que o vulto diabólico se sumia e uma luz suavíssima enchia a cela humilde do franciscano.

Depois, no seu estado de fraqueza, filho dos jejuns e dos trabalhos, volvia-se à sua tarefa e folgava com os resultados de suas prêdicas na cidade paduana. Eram tantas as suas razões, de tal fôrma impressionavam os auditórios, que, desde o bispo ao mais novo dos clérigos, lidavam, dia e noite, na obra da confissão e comunhões, pois multiplicava-se, muitas vezes, o número dos penitentes.

Ao descer do púlpito, fraco e abatido, perdida a sua energia ao acabar as maravilhosas prêdicas, o franciscano santo, arrimado a um companheiro, dirigia-se para o seu convento

entre as alas populares que procuravam tocá-lo, chegar-se ao seu corpo, e, os mais ardentes, queriam, até, arrancar-lhe bocados do hábito, tido já por milagroso. Decorrera em tais arrebatamentos de crença e de fé aquela quaresma do ano de mil duzentos e trinta e um, sob o pontificado de Gregório IX.

Como um obreiro cansado da faina, porém feliz por ter visto o resultado do seu esforço, António recolhera-se à sua cela sentindo próxima a hora de se volver ao seio do Criador. Chegara-lhe, como sempre, a revelação divina e, baixinho, num segrêdo, o seráfico discípulo de S. Francisco disse para o seu companheiro, no caminho distanciado da cidade, perto do refúgio ermo da oração:

— «Irmão, temo com minha enfermidade, causar turbacões aos frades, que aqui se vêm recolher a êste oratório e também porque desejo morrer e ser enterrado em casa de Nossa Senhora, no nosso convento de Pádua, pelo que, se vos parece bem, folgaria que me levassais lá.»

Era tarde. Conduzir do Campo de S. Pedro para o oratório de Santa Maria de Arcela aquêlê corpo, ainda agüentado de pé por uma estranha luz, sentia-se ser impossível. Necessitava o enfêrmo de um pronto auxilio, e, ao entrar no templozinho, instituido pelo próprio S. Francisco, onde se praticavam os noviciados, quis ainda orar com a comunidade.

Corria o mês de Junho, formoso e cheio de luz na terra italiana, como em Portugal; os espaços tingiam-se de intenso brilho e os frutos rescendiam nas árvores; a terra espargia perfumes e as aves nascidas na primavera iam já pelos ares em busca do sustento; as

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

águas nas fontes tinham mais melodia na voz, ao adelgaçarem-se sorvidas pela sêde do sol e os homens, contentes com a natureza, olhavam os campos, louvando Deus Todo Poderoso que lhes dera o trigo cujas messes loiras iam colher para seu pão.

Do oratório franciscano também se evolava um hino ao Criador; os cânticos dos monges subiam para o céu entoando *Gloriosa Domina*, em volta de António, do dôce português, que ia finir-se entre louvores a quem o fizera eloquente e bom, digno e caminheiro da fé. A'quêlê que lhe concedera o alento para as grandes jornadas de piedade e lhe permitia assim, no transe derradeiro, poder dizer, com verdade, aos irmãos da sua fé que o rodeavam:

— «Vejo o meu Senhor Jesus Cristo!»

E, no resplendor de tanta graça, no combate dulcíssimo da sua maravilhosa invocação, a António sabia-lhe bem morrer, pois já guardava a certeza de ter bem-merecido na terra o descanso no céu entre revoadas de anjos, junto do Menino de Deus, que o ajudara a voltar as fôlhas amarelecidas dos seus livros doutos e santos.

Caíra a tarde do dia treze e as pombas, num ruflar de asas, enchiam os espaços como se o próprio Espírito Santo as animasse no vôo e, na noite, que ia descendo lenta, ainda fulgia uma luz sobrenatural, um clarão a esbater-se, pouco a pouco, até chegar ao alto, lá longe, às regiões onde começava a esmaltar-se a Via Láctea, a estrada de S. Tiago, vereda de luz, passagem das almas crentes para o encontro com Deus.

O abade Verceli, o douto sábio, que, por

ordem de Francisco, fôra o mestre daquêl engenho cristão, o qual morria cheio de graça aos trinta e seis anos, estava enfêrmo na cela, à hora do trespasse do discípulo que o excedera, e vira, a súbitas, no limiar, o vulto esqualido de quem tanto amava, a sorrir-lhe e a dizer-lhe, docemente:

— «Senhor abade, vou para a minha pátria.»

Tocou-lhe na garganta doente e o religioso sentiu-se sem dôres. Ergueu-se para o desviar da resolução, imaginando-o decidido a deixar a Ordem de Itália para se acolher a Portugal; porém, já o não viu. Sumiu-se como um duende e, ao saber a notícia da sua morte, o sábio compreendera qual a Pátria para onde se recolhera o predestinado. Era o empírio na ala dos eleitos.

Não tinham passado uns onze meses após a sua morte quando Gregório IX, que tanto o bem-quisera, o canonisara. António de Lisboa ganhara a eterna glória; e Pádua, que o vira acabar os seus dias terrenos, enchia-se de galas, repicando os sinos que pareciam ter éco na capital do reino onde nascera o mais popular dos santos portugueses. Depois de S. Januário não há outro celeste milagroso tão querido entre os italianos, sobretudo em Pádua, onde ergueram um magnífico templo no qual jazem suas bentas relíquias.

Em Portugal, desde a aparição que êle fizera ante os magistrados, ao salvar seu pai do pretório, do garrote, amavam-no estranhamente, e todos se voltavam para a sua imagem suplicando-lhe graças e bondades.

Constara que os paduanos o queriam para si em tôda a sua glória, chamando-lhe Santo

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

António de Pádua, e, então, num brado patriótico, evocaram-no os portugueses como Santo António de Lisboa, terra onde abriu os olhos para a luz e na qual sua alma de criança sentira o primeiro influxo da fé e do amor pelas coisas santas.

Seus pais ainda viviam quando chegou a notícia da canonização e a casa onde nascera o consagrado tornara-se objecto de culto. Os povos acudiam, ali, em romagens piedosas e sua mãe, ao poder adorá-lo num altar, esquecia tôdas as dôres, louvando Deus, por tê-la feito sofrer com a ausência do filho. Os parentes prostraram-se pedindo perdão de o tentarem desviar da via celeste pela qual enveredara em triunfal carreira, e os irmãos do canonizado, Pedro Martim de Bulhões, Felicidade Martim Taveira e D. Maria Martim Taveira, sentiram o influxo da vasta nomeada de virtude de quem tanto honrara sua família.

La tornar-se um relicário o âmbito do seu berço; seria albergue da sua luz divina; o lugar em que tivera os êxtases na infância, aquêles cantinhos predilectos do quintal, pontos de suas meditações, ao parar, a súbitas, nas brincadeiras, recebiam as visitas dos devotos do milagroso ídolo de Portugal inteiro; porém, era na Sé que se instalavam as suas capelas votivas, enriquecidas, pouco a pouco, pois crescia, com a velocidade da luz, a devoção pelo santinho.

As raparigas casadoiras faziam-lhe promessas para lhes arranjar noivo e, por toda a terra portuguesa, se improvisavam cantigas em seu favor; bailava-se em honra do seu nome, e, em verdadeira crença, se lhe pediam milagres; as mulheres adoravam-no intensamente,

e quando elas escolhem um ídolo, debalde se procurará destruí-lo. Ensinavam aos filhos o seu amôr por Santo António, que fôra também uma criancinha portuguesa e traquinara na Lisboa bárbara do seu tempo, cheia de terrores e de lendas moiras. Em cada portal floria um altarcinho minúsculo sôbre cuja peanha se colocou uma imagem do santo, ingênua, piedosa, terna, com o seu Menino Jesus, o hábito franciscano, o livro de sua doutrina, e o resplendor na cabeça formosa. Assim o representavam os oleiros populares, pondo na mãozinha do filho de Deus o pêso do mundo que segurava sem esforço.

Entre cânticos, flôres, fogueiras, rosmaninho, alfazema e alegrias se foi desenvolvendo o culto antonino. Em todos os lares existia um padrão de sua graça, seu vulto, sua figura, estampa ou imagem, obras de ourives artistas ou de entalhadores obscuros, trabalhos de pintores celebrados ou telas mal feitas mas nas quais se glorificava Aquêle cujos restos a cidade de Pádua guardava preciosamente.

Todavia o infante D. Pedro (1), o filho de D. João I, conseguira obter em Pádua uma partícula da cabeça do santo, relíquia preciosa logo doada à capela da Sé por cujos claustros o pequenino António brincara sob o influxo da crença.

Aumentara mais a devoção. O povo comunicara-a entre si com toda a ternura de sua idolatria e os tempos decorreram sob a protecção do santo para o qual D. João II deixara, em seu testamento, uma lembrança: a de

(1) *O Cavaleiro da Morte* — «Heróis, Santos e Martires da Pátria» — 1.^a Série.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

se erguer um templo em sua honra, no lugar onde tivera a sua residência, nas Pedreiras da Sé, em frente das Portas do Mar, vizinha do vetusto templo no qual sentira todo o poder de Deus e as mãos carinhosas dos cónegos de São Vicente, dos Agostinianos, acariciando a sua cabeça predestinada para a glória imarcessível da Santidade.

Foi a Real Casa de Santo António, a qual, crescendo em esplendor, foi entregue ao Senado da Câmara, aos sucessores daquêles edis condenadores do pai do santo, os quais vizinhavam com a ermida nos paços concelhios.

Ali estavam quando Portugal sacudiu o jugo castelhano. Foi-se buscar o estandarte que se arvorou, em honra da Pátria liberta, junto da capela de Santo António, tornado o padroeiro de todas as esperanças.

Dilatou-se o seu culto. Nenhuma transformação política conseguiu derrubar o milagroso do seu altar ou expulsá-lo dos corações portugueses. E' êle o único que nos faz sorrir docemente. Ao lembrá-lo, no seu trônozinho dos portais, evoca-se sempre a infância, quando se pede para a sua cêra, numa ansiedade de encher de velas os degraus do seu altar bem forrado de vistosos papéis; é êle o único que entenece e perturba, nas idades adiantadas, as almas da nossa terra, porque é o Santo da Saudade; o Santo que só podia ser português.



